

# Perdidos no Espaço no III FSM 2003

## Corpo e cidade<sup>(1)</sup>

ARQUIVE-SE

Olho o mapa da cidade  
Como quem examinasse  
A anatomia de um corpo...  
Mário Quintana

**C**orpo e cidade se interpenetram, ou talvez, convergem para um mesmo mapa e uma semelhante e complexa fisiologia. Algumas singulares manifestações artísticas na área da cidade estarão privilegiando o embate do corpo do artista com o espaço urbano contemporâneo. Nossa história da arte recente aponta muitos momentos em que os espaços da cidade estiveram interligados aos espaços da arte. Teóricos como Frederico Moraes e Nelson Brissac e artistas como Hélio Oiticica, Cildo Meireles e Antonio Manuel, entre tantos, trouxeram para o circuito da arte este outro circuito dos fluxos cotidianos da urbe.

como uma mera instância de suporte de nosso eu inflado e egoísta, a única transformação que teremos em mente será a do nosso guarda-roupa e mesmo a de um corpo para a próxima estação. Algumas propostas artísticas contemporâneas, diferentemente deste estar de coisas, estarão levantando seus alicerces, discussões e apostas num outro ponto, onde o corpo está no mundo (é mundo) e a cidade não é apenas passagem, mas local de vivência e de evidência de nossa existência.

Em Florianópolis o artista Yiftah Peled desenvolve seu projeto "Obra em espaço Público", que iniciou-se em 1997(2) em Curitiba. Ele consiste no enfrentamento de imagens publicitárias em out-doors espalhados pelas cidades com a força e a fragilidade do corpo(3). O artista coloca-se frente aos out-doors nu, segurando faixas de textos (que tem suas letras preenchidas com sabão em pó e saliva) e que realizam um comentário irônico/crítico àquelas mensagens da publicidade. Também cria-se nestas intervenções uma outra intertextualidade junto ao discurso massivo e vazio do comércio de mercadoria travestido em construção simbólica de bem estar, trazendo uma equação da cultura contemporânea tão agudamente sumarizada na poesia "Luxo" (1965) de Augusto de Campos. Estas ações da justaposição do artista envolto em textos em frente à monumentalidade dos out-doors, são registradas em

fotografias que mostram seu corpo não como um novo mito romântico, mas um agenciador de sentidos na cidade.

O artista Babidu do grupo Empreza, de Goiânia, realizou em meados do ano de 2002, no pilotis do Ministério da Educação - Palácio Gustavo Capanema/Rio de Janeiro - uma ação que caracteriza-se como de sujeição do corpo a um novo elemento (acaso, violência, provocação) e o de aparecimento em um espaço público, como muitas das ações daquele grupo. Esta ação consistiu em arremessar-se nu, contra o pilotis do Palácio Capanema, repetindo-se diversas vezes(4). Muitos hematomas são o resultado da ação do corpo do artista contra edificações ligadas à cultura (em Goiás a ação deu-se contra um igreja barroca). Seu corpo nos lembra um outro corpo, não aquele corpo da publicidade, mas um corpo político que ao arremessar-se em arquiteturas carregadas simbolicamente está impondo-se como outra medida a um sistema cultural problemático. A radicalidade da ação nos lembra daquele corpo permanentemente ameaçado de Artur Barrio, peregrinando vertiginosamente pelas ruas do Rio de Janeiro (4 Dias 4 Noites), ou o corpo de Flávio de Carvalho (Experiência nº 2), perseguido pelos furiosos crentes da procissão de Corpus Christi em São Paulo o corpo transgressor chega quase aos limites da linguagem.





Projeto de Arte Entorno, Lavagem da Praça dos Três Poderes, 2002. Foto: arquivo do grupo.

Mas de que corpo e de que cidade estamos falando? Qual corpo e cidade estamos focando e que trajetórias podem ser percorridas entre estes dois organismos? Vivemos há muito tempo a crise dos espaços públicos, desde os espaços institucionais e políticos até os espaços urbanos. Vivemos numa sociedade profundamente excludente e com uma política pública muitas vezes dirigida a interesses tão particulares. Não habitamos a cidade, não sentamos mais em praças, não ocupamos os espaços públicos de lazer, não nos sentimos tranquilos nas ruas e vivemos algo exilados de seus espaços. A cidade começa também a ganhar uma trágica invisibilidade. Ela vem se transformando numa mera passagem entre o local de trabalho, o lar e as compras. Dito de maneira algo enfática poderíamos dizer que a cidade transforma-se unicamente em lugar de trânsito entre um e outro percurso de consumo.

De uma forma complementar, vivemos uma crise aguda do sujeito. Esta construção do século XVII e XVIII passa por transformações já tão apontadas por uma teoria da pós-modernidade. Entre outros, há um sujeito cada vez mais narcísico, auto-centrado e egoísta que tem seu corpo e mente moldados em revistas, regimes, modas, padrões, e que vem perdendo contato com o mundo. Qual mundo? O mundo da polis, o mundo da decisão e da transformação possível. E quando se diz contato, remete-se à percepção do mundo. Se não mais percebemos o mundo como algo plural e coletivo, mas

O Projeto de Arte Entorno, de Brasília, propôs no fim do ano de 2002 um projeto de lavagem da Praça do Três Poderes. Convidou-se as pessoas a estarem lá vestidas de branco, trazendo suas vassouras e baldes para a grande lavagem da praça(5). Um sabão verde envolto em tecido amarelo esperava-as para a imensa tarefa. Presentes estavam também músicos que iam preenchendo aquele ambiente coletivo de limpeza, com sons e música. No final da ação, de uma maneira que não tinha sido planejada, ao encerrar-se a lavagem, acontece uma grande ciranda animada pelos músicos. Desnecessário falar de todas as reverberações simbólicas daquele ato de lavagem, desde a eleição presidencial recente até o local impregnado de tensões políticas. Poderíamos também falar das pessoas vestidas de branco limpando o piso português branco e nos lembrarmos da pintura "Branco sobre branco" de Malevitch, mas certamente estaríamos mais próximos de referências artísticas se pensássemos em Hélio Oiticica e no seu

conceito de suprasensorial teríamos talvez aqui uma outra ordem do "branco sobre branco" realizado por este grande corpo coletivo.

Não há limites exatos à respeito de quais espaços estamos pisando quando se trata dos complexos territórios do corpo e da cidade antropologia, estética, sociologia, psicologia social, economia. O que há é uma aposta na problematização e na ampliação destes territórios ao serem colocados na arena ampla da arte, como o fazem estes três vitais trabalhos aqui apresentados.

(1) Este pequeno ensaio é uma continuação e desdobramento do texto "Outros circuitos na cidade" veiculado na revista Item-on line ([www.agora.etc.br](http://www.agora.etc.br)).

(2) O cd-rom fornecido pelo artista das ações deu uma necessária visão geral deste projeto.

(3) Ver artigo "Intervenções urbanas de Yiftah Peled", de Regina Melin, publicado no catálogo "Panorama 99", MAM/SP.

(4) Algumas informações foram gentilmente fornecidas pelo artista Paulo Veiga Jordão e outras foram veiculadas pelo Canal Contemporâneo em 7 de junho de 2002.

(5) Informações gentilmente fornecidas pelo artista André Santangelo em conversas e-mail.

Paulo Reis  
Prof. Depto. De Artes Plásticas  
Universidade Federal do Paraná  
[paulo\\_reis@uol.com.br](mailto:paulo_reis@uol.com.br)